

Estai alerta: de súbito ela se tornará visível.

Estai alerta, portanto, desde o amanhecer do dia.

É Mira-Celi que vem para viver convosco!

Navegantes <sup>fulgarão estar vendo</sup> ~~passarão~~ <sup>que</sup> um navio fantasma,  
<sup>enquanto as</sup> ~~donzelas~~ <sup>sonharão com</sup> seus gêmeos futuros,  
<sup>e</sup> ~~fulgarão~~ os pastores <sup>com seu</sup> cordeiro <sup>desaparecido.</sup>

Mas é apenas Mira-Celi, <sup>que</sup> se torna ~~visível~~ visível.

Se tendes mãos azinhavradas, não a vereis jamais.

~~Se a vereis jamais.~~

Se vossa mente possui alguma sinistra <sup>idélia</sup> ~~tão~~,

não a vereis jamais.

Se vosso dorso se curvou a um tirano qualquer,

ficareis cegos de nascença.

Porque Mira-Celi nunca se mostrará,

enquanto ela avistar manchas em nossa terra.

Quando ouvirdes então um rumor desusado, vindo do fim do mundo,  
 sabereis que os falsos deuses começaram a tremer.

Mira-Celi vem vindo sobre as águas, no ar.

Os lábios de Mira-Celi tocarão vossos lábios.

Ficareis em eclipse entre Mira-Celi e o mar!

47  
 28

9 3 6  
 9 4

13 1 6

50 A

Meus pés estão fincados na terra  
mas as mãos esvoaçam como duas asas de sombra,  
como duas defuntas malassombradas.  
Minhas pernas estão fincadas na terra  
mas os braços teem ruidos cavos subterrâneos:  
(de cada lado inscreveram datas sobre humeros cruzados)  
Os joelhos estão fincados na terra  
mas acotovelo os que me empurram  
á beira do tunel baixo, muito bem caiado.  
Esta estocada de lado corresponde  
é tua mão pousada ao meu ombro, pesada, pesada.  
Sei que vais me enterrar, Senhor,  
pois meus lábios já se esfarelam sobre os meus dentes  
fincados na terra, fincados na terra.  
Nesta escuridão ha raizes amargas e insetos que nunca vi;  
Mas o verbo que me infundiste estremece a montanha  
em que sepultaram meus ossos.  
Sinto que vou renascer como uma larva tonta para a Tua Luz.

O avô tinha sido um ancião convencional  
 que se enterrou de sobrecasaca e polainas;  
 e a avó - uma menina pálida que morreu ao pará-la;  
 o pai fez algumas baladas,  
 contam que tinha uma luneta para olhar ao longe.  
 Daí, - a mão dobra a página do livro,  
 e a história da tataraneta fênda com uma estocada no ventre:  
 ha destinos travados, lenços quentes de lágrimas,  
 algum incesto, uma violação sôbre um sofá antigo...  
 Quando a mão dobra a página, ha rastros de sangue no soalho,  
 Esta é a mais nova das cinco.

Veja que os seios são como neve que nós nunca vimos  
 e ninguém nunca viu o pai que lhe fez um filho;  
 e o filho desta menina é este moço de luto.  
 Agora vire a página e olhe o anjo que ele possuiu,  
 veja esta mantilha sôbre este ombro puro,  
 e estes olhos que parecem contemplar as nuvens  
 através da luneta avoenga. Veja que sem o fotógrafo querer  
 as cortinas dão a impressão de caras impressionantes  
 por detrás da gravura: um estudante de cavanhaque e outro de capa.  
 Repare bem o braço que ninguém sabe de onde  
 circunda o busto da moça e a quer levar para um lugar esconso.  
 Fixe bem o olhar com o ouvido à escuta para perceber a respiração  
 grossa,  
 os gritos, os juramentos... A sáia negra parece um sino de luto,  
 e o decote é a nau que a levou para sempre. E este fundo de água  
 pode ser o mar muito bem, mas pode ser as lágrimas do fotógrafo.

As linhas principais das mãos da Deusa  
se continuam com as linhas principais das mãos do Homem.

As tatuagens podem ser vistas

como os peixes de um tanque.

Abaixo ainda estão os sinais do cativo sob reis invasores.

E mais abaixo é como um fluido que antecedesse o desejo de fundir-se  
com o corpo repousado ao meu lado.

Através das palmas podereis ver então a paisagem

que se descortina do cimo dêste Calvário.

Ah! e a cidade por construir depois dos terremotos,

dos bombardeios e das inundações!

Eis que vos convidam à obsessão repetida:

ides cravar o vosso ~~olho~~ *olho*

e cravais sem perceber as unhas no vosso dorso.

Os vossos braços se fecham numa perfeita elipse;

mas tudo terminou nas mãos juntas da morte

para que regresseis de onde viestes

e ~~renasçais~~ luminoso no derradeiro dia.

*renasçais*

*Copiar como pose*

Agora Lys descança sonda ?  
Em que país descança Lys ?  
Pensas que Lys morreu talvez.  
Que algum tirano ou monstro a esconde  
nalgum país que não conheceis  
ou que eu mesmo nunca vi.

Lys não se foi para nenhuma  
gente maldita ou plaga obscura  
onde não haja poesia.  
Livre de sombras e de brumas  
Lys resurgiu sempre mais pura  
como as estrelas alvadias.

Em tua vida que é que esperas  
se não te espera uma outra vida ?  
És como um sopro num deserto:  
sobre o areial te dilaceras,  
gritas debalde, sem guarida:  
ninguem, ninguém passará perto.

Lys te dará itinerario  
vela e batel, porto e alegria.  
Que queres mais homem sem grei ?  
-Em que país, ó visionario  
descança Lys pura e erradia ?  
-Vinde conosco e sabereis.

Mas quem é Lys ? Musa ou atris,  
anjo ou visão, ou é a Morte  
ou é a Vida inda uma vez ?  
-Em que país descança Lys ?  
-Lys é a Vida ou é a Morte ?  
-Vinde conosco e sabereis.

Ele reviu-se:  
não era mais  
nem corpo  
nem sombra  
nem escombros.

Como foi isso?  
Tudo irreal:  
um barco  
sem mar  
a boiar.

Ele sentiu-se:  
recomeçava.  
Vivêra  
morrendo  
numa estrêla.

Ele despiu-se  
de quê ?  
De tudo  
que amara.  
Surdo-mudo  
cegara.  
Agora vê.

4  
Ele reviu-se:  
não era mais  
nem corpo  
nem sombra  
nem escombros.

Como foi isso ?  
Tudo irreal:  
um barco  
sem mar  
a bolar.

Ele sentiu-se:  
recomeçava.  
Vivêra  
morrendo  
numa estrêla.

Ele despiu-se  
de quê ?  
De tudo  
que amara.  
Surdo-mudo  
cegara.  
Agora vê.

Que é que sinto em minhas pálpebras  
cançadas da vida vã ?  
Que é que me arrasta e me alarga  
a visão turva de lágrimas ?

Decomponho-me afinal  
em linhas que correm juntas.  
Para onde vão tão ligeiras  
estas alegres defuntas ?

Que é que vejo de onde me acho ?  
Gelos eternos ou mar  
ou é somente a mortalha  
com que andei acima e abaixo ?

Nem a experiência ganhei  
de equilibrar-me no espaço  
Reconheço que fui menos  
que dois ramos de um compaço.

Que é que sinto em minha frente ?  
Asa de inseto ou a mão  
daquela que nunca esteve  
nem nos vales nem nos montes ?

Quem foi que apagou as velas  
e interrompeu o banquete ?  
Foi o vento ou foi aquela  
derradeira Bem-Amada ?

Pendo a cabeça em que ombro ?  
Do meu Mestre ou do Anti-Mestre ?  
Ou apenas dou um tombo  
dentro do último abismo ?

Cismo ainda ? Penso ainda ?  
Vou me extinguir outra vez ?  
Que vento é este que passa  
como o sopro que me fez ?

JORGE DE LIMA

PRAÇA FLORIANO, 55

11.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Que é que sinto em minhas pálpebras  
cançadas da vida vã?  
Que é que me arrasta e me alarga  
a visão turva de lágrimas?

Decomponho-me afinal  
em linhas que correm juntas.  
Para onde vão tão ligeiras  
estas alegres defuntas?

Que é que vejo de onde me acho ?  
Gelos eternos ou mar  
ou é somente a mortalha  
com que andei acima e abaixo ?

Nem a experiência ganhei  
de equilibrar-me no espaço  
Reconheço que fui menos  
que os dois ramos de um compaço.

Que é que sinto em minha frente ?  
Asa de inseto ou a mão  
daquela que nunca esteve  
nem nos vales nem nos montes ?

Quem foi que apagou as velas  
e interrompeu o banquete ?

JORGE DE LIMA

PRAÇA FLORIANO, 55

11.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Foi o vento ou foi aquela  
derradeira Bem Amada ?

Pendo a cabeça em que ombro ?  
Do meu Mestre ou do Anti-Mestre ?  
Ou apenas dou um tombo  
dentro do último abismo ?

Cismo ainda ? Penso ainda ?  
Vou me extinguir outra vez ?  
Que vento é este que passa  
como o sopro que me fez ?

**JORGE DE LIMA**

PRAÇA FLORIANO, 55

11.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

BRASIL

ha três sóes em nossos peitos,  
libertamo-nos com os quatro Evangelhos,  
encerramos a visão úbiqua dos quatro pontos cardinais,  
representamos os quatro elementos,  
somos a face do cubo em que assentam as Três Criaturas Eternas.

O que vejo através de Mira-Celi  
são suas cidades, onde se acolheram os perseguidos, os que não  
foram salvos pelos reformadores, os enfermos *desenganados*,  
os mutilados, os cegos e surdo-mudos de nascimento, os irreme-  
diáveis.

Terras, oceanos, cordilheiras, rios e imensos lagos de  
Mira-Celi: vejo-os, oh, águas pródigas e solos fecundos ~~nutrim~~  
~~daxax~~ saciando os sedentos de todas as sêdes! Entretanto escuto  
os que não falam, o clamor dos que foram esmagados pela própria  
criação, sacrificados pela própria natureza, castigados na carne  
e no espírito pelas forças desumanas.

Convido os estropiados e mutilados a virem ao banquete, aos  
desaparecidos e aos que nunca foram convidados. Chamo os últi-  
mos homens, os últimos *operários*, os bobos, *índios*, ~~ímpios~~, negros lin-  
chados, eremitas, os exangues e os sem terra.

Chamo os indesejáveis, os espúrios, os que foram expulsos  
de sua época e de sua pátria, os sonâmbulos, os visionários.  
Que sejam unidos os que dormem e liberto ~~o~~ todos os possessos,  
todos os lázaros, todos os encarcerados!

Na perfeita comunhão cabem os vivos, os mortos, os espíritos  
puros e os bemaventurados.

O que vejo através de Mira-Celi

são suas cidades, onde se acolheram os perseguidos, os que não foram salvos pelos reformadores, os enfermos desenganados, os mutilados, os cegos e surdo-mudos de nascimento, os irremediáveis.

Terras, oceanos, cordilheiras, rios e imensos lagos de Mira-Celi: vejo-os, oh, águas pródigas e solos fecundos, saciando os sedentos de todas as sêdes! Entretanto escuto os que não falam, o clamor dos que foram esmagados pela própria criação, sacrificados pela própria natureza, castigados na carne e no espírito pelas fôrças desumanas.

Convido os estropiados e mutilados a virem ao banquete, aos desaparecidos e aos que nunca foram convidados. Chamo os últimos homens, os últimos operários, os bôbos, índios, negros linchados, eremitas, os exangues e os sem terra.

Chamo os indesejáveis, os espúrios, os que foram expulsos de sua época e de sua pátria, os sonâmbulos, os visionários. Que sejam unjidos os que dormem e libertos todos os possessos, todos os lázaros, todos os encarcerados!

Na perfeita comunhão cabem os vivos, os mortos, os espíritos puros e os bemaventurados.

O que vejo através de Mira-Celi

são suas cidades, onde se acolheram os perseguidos, os que não foram salvos pelos reformadores, os enfermos desenganados, os mutilados, os cegos e surdo-mudos de nascimento, os irremediáveis.

Terras, oceanos, cordilheiras, rios e imensos lagos de Mira-Celi: vejo-os, oh, águas pródigas e solos fecundos, saciando os sedentos de todas as sêdes! Entretanto escuto os que não falam, o clamor dos que foram esmagados pela própria criação, sacrificados pela própria natureza, castigados na carne e no espírito pelas fôrças desumanas.

Convido os estropiados e mutilados a virem ao banquete, aos desaparecidos e aos que nunca foram convidados. Chamo os últimos homens, os últimos operários, os bôcos, índios, negros linchados, eremitas, os exangues e os sem terra.

Chamo os indesejáveis, os espúrios, os que foram expulsos de sua época e de sua pátria, os sonâmbulos, os visionários. Que sejam unidos os que dormem e libertos todos os possessos, todos os lázaros, todos os encarcerados!

Na perfeita comunhão cabem os vivos, os mortos, os espíritos puros e os bemaventurados.